

**QUANDO A CIÊNCIA OPTOU POR  
NÃO SALVAR JOSÉ.**

## 1. A GERAÇÃO QUE INICIOU A RUÍNA DE UMA NAÇÃO.

Creio que a coisa mais linda que estudei em direito foi o direito constitucional, principalmente aos nossos direitos como cidadão e com ênfase na nossa constituição.

“Esses direitos são referentes à educação, saúde, trabalho, previdência social, lazer, segurança, proteção à maternidade e à infância e assistência aos desamparados. Sua finalidade é a **melhoria das condições de vida dos menos favorecidos, concretizando assim, a igualdade social**”

“Os direitos do homem são direitos válidos para **todos os povos e em todos os tempos**. Esses direitos advêm da própria natureza humana, daí seu **caráter inviolável, intemporal e universal**” Fonte: <https://www.direitonet.com.br/>

A lição mais linda que você pode tirar dela é que quando uma nação a elabora, descreve o que essa nação precisa fazer para ser considerada bem sucedida. Então, filosoficamente falando, é que se você for filho de um cidadão ou nascer no seio dessa nação, você estará dentro de um pacto que os une. É como se todos oferecêssemos as mãos e fizemos um círculo humano, protegendo todos mutuamente.

Imagine que ao ser agraciado com a concepção da sua vida, reis magos ou todos os cidadãos nessa nação estivessem presente e dissessem seja bem vindo, agora você está conosco, não se preocupe que você será protegido. E você quando passa a ter maturidade suficiente, também assume esse compromisso de proteger o próximo ou a próxima geração.

Há pessoas que podem pensar, eu sou rico, tenho casa, tenho saúde, tenho trabalho, porque me preocupar com quem não tem? Mas então lembramos que existe a possibilidade de que a qualquer momento, podemos sucumbir ao imponderável da vida e ali percebemos que sozinhos não somos ninguém e que temos um seguro que é a união dessa nação, que se propôs em caráter inviolável, intemporal e universal nos ajudar. Pode até não acontecer com você, mas pode acontecer com alguém que você ame ou goste e se não acontecer, melhor ainda.

Imagine alguém que sempre contribuiu com impostos ou os seus familiares, verem que em uma adversidade a nação o resolveu deixar para trás.

Essa geração que assumiu administrar essa nação, decidiu que não dá pra salvar todos, porque nem toda vida importa (Lembre do título desse texto). Vamos romper esse pacto. Será esse dia o início da ruína dessa nação, que vai perdendo a confiança de ser um povo heroico.

“Se uma grande pedra se interpõe no nosso caminho, uma só pessoa não conseguirá movê-la dali. Mas, a união e o esforço conjunto de várias pessoas, conseguirá tirá-la do caminho.” Theodor Amstad

## 2. PRECIFICANDO E QUANTIFICANDO CONHECIMENTO.

Conhecimento é algo intangível que não dá para ser quantificado ou precificado, talvez quem saiba estimá-lo.

Certa vez Hedy Lamar sentada ao piano inventou um sofisticado aparelho de interferência em radio para despistar radio nazista, patenteado em 1940, o que ela não poderia imaginar era que sua invenção serviria de base da moderna telefonia celular e Wi-Fi em uma industria que hoje gera bilhões de dólares e revolucionou a forma que nos comunicamos, pasmem, orçamento gasto com GUERRA.

Lembramos ainda da carta da Irmã Jucunda do Quênia que escreveu ao Dr. Ernst Stuhlinger, então diretor da NASA, questionando como ele poderia sugerir que se gastasse milhares de milhões de dólares em uma possível missão tripulada a marte, em um momento em que muitas crianças estavam morrendo de fome na Terra. Ele carinhosamente à respondeu, tentarei simplificar a sua justificativa:

Antes dele justificar, ele passou a relatar uma história ocorrida há cerca de 400 anos, onde na Alemanha vivia um Conde numa pequena cidade, foi um conde benfeitor e doou uma grande parte dos seus rendimentos para os pobres da cidade, foi muito apreciado porque a pobreza era extrema durante a época medieval, e havia epidemias de peste que devastaram o país repetidamente.

Esse Conde um dia conheceu um homem estranho, tinha uma bancada e um pequeno laboratório em sua casa e trabalhava duro de dia e reservava algumas horas à noite no seu laboratório. Ele polia pedaços de vidro para fazer lentes pequenas, montou lentes em tubos e usava isso para olhar objetos muito pequenos. Esse Conde ficou fascinado pelas pequenas criaturas que poderiam ser observadas, sob aquela forte ampliação. Convidou o estranho para ir morar em seu castelo e dedicar todo seu tempo no desenvolvimento e aperfeiçoamento de seus aparelhos.

As pessoas na cidade ficaram com raiva, quando perceberam que o conde estava “perdendo” dinheiro numa atividade sem propósito, enquanto elas estavam a sofrer da praga, achavam que o gasto era um passatempo inútil.

Mas o conde permaneceu firme, decidiu dar tudo que poderia pagar porque sabia que alguma coisa ia sair dali. Saiu dali o microscópio que contribuiu mais do que qualquer invenção para os progressos da medicina e a eliminação de diversas doenças e inclusive da peste, isso tudo é fruto do uso do microscópio para estudos.

O diretor disse ainda que os EUA estavam gastando cerca de 1,6% do seu orçamento para a exploração do espaço. Disse que o contribuinte americano médio com 10.000 dólares por ano de renda, paga cerca de 30 dólares de impostos para o projeto do espaço. O resto de sua renda, 9.970 dólares, fica para fazer face à sua subsistência, para a sua recreação, economias, para os seus outros impostos, e todas as demais despesas.

Citou que a irmã provavelmente iria indagar “Porque não reservar 5, 3 ou 1 dólar desses 30 dólares do espaço que o contribuinte americano médio paga, e enviar esses dólares para as crianças com fome?”

Para responder a esse possível questionamento ele disse da briga que cada entidade tinha para proteger uma parte do orçamento para suas atividades,

Informou ainda que poderia continuar a perguntar se ele pessoalmente não seria favorável a mandar dinheiro para a fome. Ele disse que sim e inclusive todos os seus amigos pensariam da mesma forma.

Mas citou que a melhor forma que ele tinha para contribuir com a fome, seria não desistir no que estava trabalhando, porque sabia que poderia contribuir com o alívio e eventual solução destes problemas graves como a pobreza e a fome na Terra.

Ele explica que há 2 funções básicas para o problema da fome: a produção e a distribuição. Cita que a melhor ferramenta para a melhoria de todas essas funções, sem dúvida, é o satélite artificial da Terra. Circulando o globo numa altitude elevada, ele pode filtrar grandes áreas de terra dentro dum curto período de tempo, e pode observar e medir uma grande variedade de fatores que indicam o estado e a condição das culturas, do solo, secas, chuvas, a cobertura de neve, etc., e pode transmitir por rádio esta informação para estações terrestres para o seu uso adequado.

Estimou-se que mesmo um sistema modesto de satélites terrestres dotado de meios terrestres, sensores, que trabalham dentro de um programa para melhoramentos agrícolas para todo o mundo, irá aumentar as colheitas anuais numa soma equivalente a muitos milhares de milhões de dólares.

Uma maior produção de alimentos através de levantamentos e avaliações orbitais, e melhor distribuição de alimentos através da melhoria das relações internacionais, são apenas dois exemplos de como o programa espacial terá um impacto profundo na vida na Terra.

A carta é ampla e explica outras nuances da importância de investir em ciência e creio que resumidamente já deixa claro que investir em ciência traz inúmeros benefícios e talvez vale mais a pena sacrificar a sua subsistência e sua recreação, visto os inúmeros benefícios futuros.

Passamos recentemente por um período difícil que foi a pandemia e se não fosse a ciência e a medicina, poderíamos ter muito dinheiro, mas sucumbiríamos sem ter o conhecimento de como nos proteger. O Brasil só não esteve em pior situação graças às instituições de saúde desse país: SUS, Fiocruz, Butantã, etc.

Poderíamos ter sido muito mais bem sucedidos se tivéssemos uma “saúde padrão FIFA”. Dito isso, o momento é de se opor a qualquer forma de minar investimentos em tecnologia, estudos e saúde, pois vejam, aceitar limitar recursos para compra de medicamentos é o mesmo de que o Dr. Ernst Stuhlinger aceitou retirar de seu orçamento um 1 dólar para doar para a fome. O ambiente ao contrário está favorável ao aumento de investimentos em saúde pública, pois com a COVID a população agora tem noção do quão importante é uma rede pública de saúde e ainda há espaço para transformar investimento privado em investimento público, pois o Brasil ocupa penúltima posição no ranking de gastos públicos em saúde e segundo reportagem da CNN na análise da despesa per capita em 2019, o custo para as famílias e instituições sem fins de lucro a serviço das famílias foi de R\$ 2.035,60 e o do governo foi de R\$ 1.349,60. Ainda segundo o IBGE, os serviços de saúde privada corresponderam ao principal gasto das famílias, compreendendo 67,5% do total das despesas de consumo final de saúde. Essas despesas incluem, majoritariamente, médicos e planos de saúde, além de serviços hospitalares e ambulatoriais. Claro está que optamos por gastar nosso orçamento em saúde privada do que em saúde pública, sendo que nos países desenvolvidos não há essa diferenciação, pois todos são atendidos igualmente com serviço público.

Quando adotarmos limites para compra de medicamentos, estaremos mascarando o quanto se faz necessário em recursos para atender a toda a população, quando o ideal

não era nem comprar era mostrar o qual importante é fabricar esses medicamentos, isso sim seria uma eficácia.

O trabalho que temos que fazer é lutar para que nossa nação seja referência em ciência e saúde, estamos em um momento de explorar a opinião pública para que o país repense onde deve alocar seus recursos, que façamos um vale do silício da ciência e saúde.

“Cada segundo é tempo para mudar tudo para sempre.” Charles Chaplin

### **3. APENAS MAIS UM NESSE MUNDO**

Mas venhamos ao nosso título, em 14 de março 1979 nascia JOSÉ era filho de pessoas simples, um vendedor e engenheiro e de uma dona do lar que quando tinha tempo era pianista, seu pai montou um negócio de engenharia elétrica e em 1994 sua empresa faliu. JOSÉ com muito sacrifício conseguiu concluir os estudos primário e secundário, realizou os exames de admissão para a escola politécnica federal, não conseguiu alcançar o padrão exigido em várias disciplinas, casou-se em 2003 e 2004 teve seu primeiro filho e 2010 nasceu seu segundo filho.

Com 19 anos começou a perceber alterações no seu nível de humor e com algum tempo foi perdendo sua coordenação motora e capacidades mentais, sua esperança de vida foi reduzida em resultado de complicações.

Sua doença afetava entre 4 e 15 em cada 100.000, procurou os meios médicos e foi informado que até existia um medicamento, mas seu preço era muito elevado e com o elevado casos de doenças cardíacas na época, um comitê técnico de saúde decidiu por racionar recursos, trabalhando no conceito de eficiência, onde com poucos recursos salvaria muito mais pessoas, sem esperanças por não ser rico, só lhe restou passar o resto da sua vida trabalhando em seus estudos.

Com 22 anos, teve seu primeiro artigo publicado e os editores ficaram impressionados, com esse jovem cientista até então desconhecido.

Estimulado pelo seu sucesso inicial, poucos meses depois, o jovem iniciou seu doutoramento, com a tese, um artigo sobre as forças moleculares em gases na qual esperava que lhe conferisse o grau acadêmico de doutor. Ainda no verão de 2001, trabalhou como professor substituto numa escola técnica e como tutor numa escola particular. JOSÉ só concluiu sua tese em 30 de abril de 2005. Infelizmente sua doença foi degradando sua saúde e ele não resistiu, falecendo 28 dias depois.

Essa história não é tão fictícia assim, as datas foram acrescentadas em 1 século, JOSÉ não morreu por causa de uma doença rara e tão pouco a teve, apenas foi utilizado como forma didática para demonstrar que uma vida pode significar muito para a humanidade. Esse jovem cientista trabalhou em estudos que revolucionou a ciência, algo sobre efeito fotoelétrico, o movimento browniano, a relatividade especial e a equivalência entre massa e energia. JOSÉ na verdade é Albert Einstein.

Nossa civilização por muita sorte não perdeu Einstein, nem para as guerras, tão pouco para doenças, mas creio que se essa história fosse real, teríamos perdido um gênio e perderíamos todo os seus estudos e documentos e estaríamos lamentando em relação a decisão do órgão técnico ou questionando esse tipo de pensamento. Ele poderia ser apenas um estudante pobre que morreu, assim como morre todo dia alguém, porém

pessoas assim são raras, mais raras que talvez sua doença e será que não vale a pena para a humanidade investir para salvá-las? Einstein nasceu em meio à 107 bilhões de vida que estimamos para o nosso planeta.

A ficção foi para reforçar que todas as vidas são importantes, pois nunca saberemos quantos Einstein, Hawking, Marie Curie, poderemos salvar ou matar mediante a simples equação de um limiar de eficiência. Quantos dentre eles possuem doenças raras? Hawking teve um infortúnio, mas graças a ciência e a contribuição de muitos, ele sobreviveu além do seu tempo estimado de vida e com isso concluiu seus estudos que acredito que em breve serão passíveis de comprovação de suas teorias. Pelo cálculo do limiar e expectativa de vida dele, era para simplesmente não lhe oferecer tratamentos, já que na primeira estimativa ele teria apenas alguns meses de vida.

“Todo o nosso conhecimento se inicia com sentimentos.” Leonardo da Vinci

#### **4. CONCLUSÃO**

Aceitar que só será gasto um percentual do orçamento para arcar com a saúde é o mesmo que um pai ou mãe de família ter 3 filhos com fome e só dar conta de alimentar 2 e aceitar que um terá que ficar desnutrido e morrer para os outros sobrevivam e não correr atrás de outras fontes de recursos para seu orçamento familiar.

O correto seria quantificar em valores o quanto é necessário para atender todos e o quanto precisamos crescer em PIB para que ninguém fique para trás. Ter esse tipo de argumento de limitação, é esconder o problema e não buscar solução ou simplesmente cruzar os braços. A quantificação de valores e sua transparência traria a atenção de todos para o quanto o país gasta ou gastará com a indústria privada farmacêutica em detrimento ao racionamento de recursos para a ciência e estudos científicos, dos quais já foram aqui demonstrados e que o benefício é enorme e ainda servirá para a posteridade.

Finalizando espero que esse comitê repense o seu posicionamento e que esse breve relato os inspire a ter uma incansável batalha pela vida, independente da limitação de recursos, para quem saiba um dia, logramos êxito em salvar um possível cidadão que venha a descobrir a cura para o câncer, espero e creio que muitos assim como eu, nunca seja impelido a limitar esse sonho de sermos uma nação bem sucedida.

Por Anderson da Silva Gonçalves